



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11693 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

PROFESSORES E A ESCRITA: MARCAS, MEMÓRIAS E ALIENAÇÃO

Josiane Aparecida de Paula Bartholomeu - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - USP

Filomena Elaine Paiva Assolini - USP- Universidade de São Paulo

PROFESSORES E A ESCRITA: MARCAS, MEMÓRIAS E ALIENAÇÃO

Apresentamos neste trabalho um recorte da pesquisa de doutorado em que investigamos as experiências dos sujeitos-professores com a escrita, a fim de compreender como foi o contato durante a fase escolar e se essas experiências ecoam nos dizeres e fazeres de sua prática pedagógica. Durante nosso percurso, percebemos que a escrita na/para escola ainda apresenta resquícios de uma das práticas da pedagogia medieval, a *Lectio*, que impedia o sujeito de pensar e questionar, valorizando a cópia (tanto oral como escrita). Desse modo, assim como na pedagogia medieval, a pedagogia “contemporânea”, na maioria das vezes, valoriza práticas de repetição, alicerça uma escrita presa em estruturas fixadas por normativas, e perpetua a castração de sentidos; é limitada apenas à leitura do professor a fim de correções das normas do ‘bem-escrever’ e dificilmente para apreciação. Desse modo, a cultura da sala de aula vem atravessada pelo reflexo de práticas docentes ultrapassadas e antipedagógicas que são marcas existentes desde muito antes de iniciarem a graduação: são cicatrizes feitas pelas experiências de vida e se atualizam nas práticas que nem sempre são pedagógicas. Para tramar esse “bordado”, recorreremos à Análise de Discurso de matriz francesa, especificamente com base nos postulados de Michel Pêcheux (1995, 1997, 2000). A escolha pela Análise de Discurso se justifica pela possibilidade de articular três áreas do conhecimento (PÊCHEUX, 2004, 2008, 2010), quais sejam: a linguística, que se dedica a estudar os processos de enunciação; o materialismo histórico, que se volta às formações e transformações sociais ao longo da história; e a teoria do discurso. Na Teoria Socio-Histórica do Letramento encontramos especificamente os postulados sobre a autoria, nos quais se pontua que o autor está além do repetível, posicionando-se como (re)criador de sentidos. Com base nas Ciências da Educação, dedicamo-nos a refletir sobre pesquisas que envolvem a educação escolar, as práticas

pedagógicas, a formação inicial e continuada e a construção da identidade de docentes e a sociedade na qual essa educação é pensada e materializada. Fios da psicanálise freudolacaniana também é mobilizada, pois entende que trabalhamos não com indivíduos, mas, sim, com sujeitos desejantes, constituídos pela falta, pelo (O)outro e controlados pelo inconsciente. Esses referenciais nos possibilitam discutir e analisar as problemáticas que envolvem o discurso, a escrita, a interpretação, o sujeito, a memória e suas práticas. Assim, inscrevendo-se no campo da reflexão sobre a linguagem, no caso a linguagem escrita, a Análise de Discurso parte do pressuposto de que o sujeito não é a fonte de sentido, nem possuidor e ‘senhor’ da língua; sentido e sujeito não são naturais, transparentes, mas determinados socio-histórico-ideologicamente (PÊCHEUX, 1995). Dentro desse contexto é importante destacar que é a ideologia que produz efeito de evidência e da unidade, sustentando sobre o já-dito os sentidos institucionalizados. Utilizamos como metodologia entrevistas semiestruturadas com quatro professores efetivos, contratados por meio de concurso público de provas e títulos da rede municipal de Brodowski/SP. Nas análises do discurso do sujeito-professor, em que nos alicerçamos nas noções de recorte proposto por Orlandi (1987) e no espaço discursivo apresentado por Maingueneau (2005), refletimos acerca do discurso do sujeito-professor observando: como era sua relação com a leitura e, principalmente, com a escrita em sua trajetória escolar; como foram propostas as atividades com a escrita; na posição de professor, quando, como e quantas vezes propõe atividades com escrita e quais os objetivos. Dessa forma, teremos indícios, marcas de como a escrita é vista e concebida no contexto escolar, o que se espera e o que é exigido do estudante que é submetido a esse tipo de atividade e se as práticas desenvolvidas pelos professores se coadunam com as que foi submetido enquanto aluno. cremos que o sujeito ao enunciar o faz ocupando diferentes e muitas posições, que demarcam sua heterogeneidade e, em consequência, compreendemos a formação do professor como um processo múltiplo, descontínuo, com uma variedade de vozes, práticas e saberes acumulados em todo percurso histórico-social-ideológico do sujeito. Pensando nas entrevistas, recorreremos a Chuffi (2016), que afirma que, ao falar de si, há um permanente e tenso deslocamento que dará a oportunidade ao professor de (re)construir sua trajetória, (res)significar saberes, correndo, também, o risco de silenciar-se sobre as condições socio-históricas. Os gestos interpretativos oriundos das análises das entrevistas permitem-nos assinalar as seguintes considerações: que a maioria dos professores foram expostos às práticas escolares autoritárias e que, muitas vezes, a reproduzem como forma legitimada e, portanto, aceita e correta de se trabalhar com a escrita. Com isso, deixaram e deixam de se posicionarem como intérpretes-historicizados, movimento fundamental para a instauração da autoria em suas aulas. Lembrando que se um sujeito, no caso, o sujeito-professor, não se autoriza em se movimentar pela poesia da linguagem, não conseguirá autorizar o outro, o aluno. Acreditamos que a forma como a instituição escolar se “organiza” (sempre pensada por outros profissionais que não são professores), desde o currículo até a formação, castram, tolhem, fragmentam sufocando o trabalho docente, o qual acaba realizando um trabalho de *medusa* – transformando em estátuas aqueles que a ele se submeterem. Isso posto, o genérico discursivo “faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço” cabe nessa relação de saber enjaulado pelo naturalizado.

Arrematamos essa tessitura acreditando que as marcas trazidas pelos professores e que reverberam em suas práticas, são cicatrizes desde muito antes de iniciarem a graduação: são feitas pelas experiências de vida e se atualizam nas práticas pedagógicas. Oportunizar aos sujeito-professores a falarem de si, de suas práticas e desejos, promove um outro olhar sobre o ser em formação e também sobre as práticas pedagógicas em que a escrita é utilizada. Entender esse movimento pressupõe impedir que sufoquem as várias vozes que o constituem e, portanto, a multiplicidade de sentidos oriundos desse rico atravessamento, dando abertura para a alteridade, para o estranhamento.

Palavras-chave: Escrita, professores, prática pedagógica.

Referências:

FOUCAULT, M. **O que é um autor? Ditos e escritos:** Estética – literatura e pintura, música e cinema. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NAZAR, T. **O escrito da escrita.** A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e em psicanálise. 1 ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pucinelli Orlandi. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso.** 4. ed. Campinas: Unicamp, 2010.